

SAIR DO ARMÁRIO E ELABORAÇÃO DO OLHAR Opositor: CENAS E LAMPEJOS PARA A COMUNIDADE QUE VEM

PEDRO AUGUSTO PEREIRA¹

RESUMO:

Este trabalho traz uma análise do processo de saída do armário de Valter Rege como contado em entrevista a Samuel Gomes para o canal *Guardei no Armário*, no YouTube. A saída do armário é entendida aqui como processo, em vez de mero anúncio, estendendo-se pela vida, como forma de subjetivação. Por meio de uma perspectiva orientada por uma práxis interseccional, em diálogo com a proposta de um método da igualdade, a análise do testemunho de Valter Rege revela o estabelecimento de vínculos e de coletividade que atravessa a saída do armário. Há uma dimensão de ancestralidade que conecta pessoas LGBTI+, indo além de laços sanguíneos, dando conta de uma comunidade. O vínculo e a dimensão de ancestralidade constituem a experiência do processo de saída do armário, de modo que este precisa ser compreendido a partir de uma dimensão tanto individual quanto coletiva.

Palavras-chave: Saída do armário. Comunidade. Ancestralidade. Bichas

ABSTRACT:

This paper analyzes Valter Rege's coming out process as told in an interview with Samuel Gomes for the YouTube channel *Guardei no Armário*. Coming out is understood here as a process, rather than a mere announcement, extending through life as a form of subjectivation. Through a perspective oriented by intersectional praxis, in dialogue with the proposal of a method of equality, the analysis of Valter Rege's testimony reveals the establishment of bonds and collectivity that runs through coming out of the closet. There is a dimension of ancestry that connects LGBTI+ people, going beyond blood ties and creating a community. The bond and the dimension of ancestry constitute the experience of the coming out process, so that it needs to be understood from both an individual and a collective dimension.

Keywords: Coming out. Community. Ancestry. Bichas

RESUMEN:

Este artículo analiza el proceso de salida del armario de Valter Rege en una entrevista con Samuel Gomes para el canal de YouTube *Guardei no Armário*. La salida del armario se entiende aquí como un proceso, más que como un mero anuncio, que se extiende a lo largo de la vida como una forma de subjetivación. A través de una perspectiva guiada por la praxis interseccional, en diálogo con la propuesta de un método de igualdad, el análisis del testimonio de Valter Rege revela el establecimiento de vínculos y colectividad que atraviesa la salida del armario. Hay una dimensión de ancestralidad que conecta a las personas LGBTI+, que va más allá de los lazos de sangre y crea una comunidad. El vínculo y la dimensión de la ascendencia conforman la experiencia de la salida del armario, por lo que debe entenderse tanto desde una dimensión individual como colectiva.

Palabras clave: Salida del armario. Comunidad. Ancestralidad. Bichas

INTRODUÇÃO

¹ Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCOM – UFMG). Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Belo Horizonte. Minas Gerais. Brasil. E-mail: pedroaep@gmail.com.

Este artigo apresenta parte da pesquisa desenvolvida por mim ao longo do mestrado². Tal pesquisa teve como objetivo a compreensão do Projeto Guardei no Armário a partir dos vínculos e afetos, com foco no compartilhamento de narrativas/testemunhos de “saída do armário” reunidos no canal no YouTube e de que forma essa partilha ajuda a construir subjetividades e coletividades políticas. As análises aqui realizadas foram orientadas por uma *práxis* interseccional (Collins, 2017), considerando a elaboração de um olhar opositor (hooks, 2019) e de autodefinições (Collins, 2019) como orientadores teórico-metodológicos, em diálogo metodológico com a proposta de Jacques Rancière (2021) de um *método da cena*. Neste artigo, trabalharei especificamente a partir de um vídeo entrevista disponível no canal Guardei no Armário no YouTube que traz o produtor de conteúdo Valter Rege contando seu processo de saída do armário.

“Sair do armário” é uma expressão que já há muito tempo vem associada a pessoas LGBTQ+ como sinônimo de “assumir-se” ou “anunciar-se” como tal, viver abertamente sua sexualidade e/ou identidade de gênero entendida como dissidente, fora da norma cis-heterossexual, a partir de um anúncio público. Embora haja na própria plataforma YouTube diversos exemplos de vídeos feitos com o objetivo “saída do armário”, nesse sentido de anúncio público, no Guardei no Armário – tanto no canal quanto no livro – o sair do armário é tratado de forma diferente, como um processo, (re)elaboração de si e subjetivação marcada por violências e enfrentamento delas. (Pereira; Coêlho, 2021, p. 2)

O Projeto Guardei no Armário foi iniciado por Samuel Gomes – sujeito gay, negro, periférico e ex evangélico – em 2015 com a criação do canal no YouTube e a publicação, de forma independente, do livro autobiográfico escrito por Samuel, ambos chamados “Guardei no Armário”. De início, o canal era voltado exclusivamente à publicação de vídeos entrevista feitos por Samuel com conhecidos seus, todos LGBTQI+³, contando suas histórias de aceitação e saída do armário. Atualmente o canal segue em atividade, mas com mudanças no conteúdo. Os vídeos de entrevistas se tornaram mais raros, sendo mais frequentes vídeos protagonizados pelo próprio Samuel falando com a câmera, num estilo mais próximo de um padrão de produção dos chamados *youtubers*⁴.

² Parcialmente financiada por meio de bolsa de Demanda Social Capes.

³ Opto pelo uso da sigla neste formato em adequação ao mais recente acordo do movimento LGBTQI+ e seus manuais de redação. A sigla que identifica o movimento por direitos LGBTQI+ está em disputa e há quem discorde da adoção da forma LGBTQI+. Em outros momentos deste texto aparece a sigla “LGBTQIA+”, em citações do livro Guardei no Armário (Gomes, 2020), em respeito à forma adotada pelo autor.

⁴ Ainda que as produções na plataforma variem, em geral as mais comuns são bastante semelhantes, com o dono do canal, sempre a mesma pessoa, aparecendo em primeiro plano, até a altura da cintura ou somente

Além disso o livro *Guardei no Armário* foi relançado, em nova edição, desta vez pela Cia. das Letras (Gomes, 2020), ampliado e atualizado. Nele, Samuel conta sua história desde a infância, passando pela aceitação de si mesmo como gay, a criação do canal e chegando até acontecimentos recentes como as eleições nacionais do ano de 2018.

Valter Rege é amigo de Samuel, preto, gay, periférico, escritor e cineasta. Sua entrevista ao *Guardei no Armário* foi publicada em 27 de novembro de 2016 no YouTube, parte da primeira temporada do quadro: *Como sai do armário?* – até agora, são quatro temporadas do quadro disponíveis no canal. Na época da entrevista, Valtinho – como é apresentado por Samuel – tinha um canal no YouTube chamado *Energia Positiva*, ainda em atividade hoje, porém com o nome *Valter Rege*, e vinha também colaborando com Samuel na produção de alguns vídeos para o *Guardei no Armário*.

Parto de um pressuposto teórico-metodológico abordado em outros trabalhos (Pereira; Coêlho, 2021) de que a produção do *Guardei no Armário*, bem como o próprio processo de saída do armário, se configura a partir de uma coletividade, estabelecida por meio dos vínculos e dos afetos partilhados entre Samuel, os sujeitos entrevistados – como Valter Rege – o público que acompanha o canal, bem como de toda uma *comunidade* LGBTI+

As narrativas reunidas por Samuel – bem como a sua própria, contada no livro – e compartilhadas no *Guardei no Armário* dão conta de uma “saída do armário” que, além de se configurar como processo – e não como mero anúncio – dá conta de algo que se mostra ao mesmo tempo individual e coletivo dos diferentes sujeitos, de um encontro e aproximação de narrativas que são específicas de cada um, mas que são também compartilhadas por uma coletividade. (Pereira; Coêlho, 2021, p. 2)

Como lembra Rosane Borges (2020), sem o estabelecimento de um vínculo, não pode haver comunicação, restando apenas indiferença. Essa investigação considerará, então, a criação de vínculos como necessária ao *Guardei no Armário*, tanto no que diz respeito à produção do conteúdo – como nas entrevistas realizada por Samuel com os convidados – quanto na relação com o “público”. O reconhecimento do outro enquanto interlocutor pressupõe, ainda, o reconhecimento desse mesmo outro enquanto sujeito,

dos ombros, falando sobre algum assunto, quase sempre buscando apresentar e/ou “provar” um ponto, numa espécie de modelo dissertativo/argumentativo. Produtores de conteúdo “de sucesso”, ainda que de diferentes “nichos” e estilos, costumam seguir – com pequenas variações – esse mesmo padrão em seus vídeos, sendo alguns exemplos: Foquinha, Pedro HMC (Põe na Roda) e Rita Von Hunty (Tempero Drag); assim como alguns considerados os “primeiros youtubers” brasileiros, caso de Kéferea, PC Siqueira, Felipe Neto e mesmo Cauê Moura.

lugar sistematicamente negado a pessoas subalternizadas (hooks, 2020; Kilomba, 2019; Spivak, 2014).

PERSPECTIVA INTERSECCIONAL: O OLHAR OPOSITOR E A SUBJETIVIDADE REVOLUCIONÁRIA

Adotar uma perspectiva pautada pela interseccionalidade e por um pensamento feminista negro (Collins, 2019) vai além de uma simples marcação e consideração da diferença. Considerar marcadores de raça, classe, gênero, sexualidade etc. não configura, em si, uma perspectiva interseccional, para tanto, segundo a pensadora feminista negra estadunidense Patricia Hill Collins (2017) é fundamental a adoção de um *ethos* de justiça social, de um projeto político feminista negro que vise a emancipação de todos os sujeitos (Collins, 2019).

A interseccionalidade conecta dois lados de produção de conhecimento, a saber, a produção intelectual de indivíduos com menos poder, que estão fora do ensino superior, da mídia de instituições similares de produção de conhecimento, e o conhecimento que emana primariamente de instituições cujo propósito é criar saber legitimado. A interseccionalidade pode ser vista como uma forma de investigação crítica e de práxis, precisamente, porque tem sido forjada por ideias de políticas emancipatórias de fora das instituições sociais poderosas, assim como essas ideias têm sido retomadas por tais instituições (Collins; Bilge, 2016). A eficácia das ideias centrais de interseccionalidade, em situações díspares politicamente, levanta questões importantes sobre a relevância do conhecimento para a luta por liberdade e iniciativas de justiça social. (COLLINS, 2017, p. 7)

A elaboração das perspectivas interseccionais é feita a partir do lugar social da mulher negra, mas essas podem e devem ser utilizadas ao se pensar sujeitos/as em outros lugares sociais (Bueno, 2020; Collins, 2019), como me proponho a fazer em relação às experiências bichas (Lucas Lima, 2017; Trevisan, 2018) no *Guardei no Armário*. Em outras instâncias, perspectivas de mulheres negras já vêm sendo acessadas e incorporadas à uma dita cultura bicha (Trevisan, 2018), como no caso da canção *I will survive*, de Gloria Gaynor (1978), um hino de resistência e libertação escrito por uma mulher negra com o qual diversas bichas ao redor do mundo puderam se identificar. Diz Collins (2019, p. 21): “o pensamento feminista negro trabalha em favor das mulheres negras, mas o faz em conjunção com outros projetos similares de justiça social”.

Considerar a interseccionalidade como teoria e *práxis* crítica (Collins, 2017; 2019) inclui a elaboração de um olhar crítico, que bell hooks (2019) nomeia como um *olhar*

opositor, contrariando um olhar hegemônico nas nossas sociedades pautadas pelo colonialismo, pela supremacia branca, pelo heterossexismo e pelo capitalismo (Collins, 2019; hooks, 2019; 2020; Kilomba, 2019). Não existe um olhar neutro. É também fundamental considerar esse olhar crítico, opositor, como precisando ser *elaborado*, de modo que tal perspectiva não é intrínseca aos sujeitos subalternizados (Spivak, 2014). Desse modo, não se pode assumir

[...] uma postura essencialista em que se supõe que as mulheres negras, como vítimas da opressão de gênero e raça, têm um campo de visão intrinsecamente diferente. Muitas mulheres negras não “veem diferente” justamente porque suas percepções da realidade são profundamente colonizadas, moldadas pelas formas de saber dominantes. [...]

A habilidade crítica da espectadora negra surge de um lugar de resistência apenas quando mulheres negras individualmente resistem de modo ativo à imposição de formas dominantes de ver e de saber. Ainda que todas as mulheres negras com quem falei estivessem conscientes do racismo, essa consciência não correspondia automaticamente à politização, ao desenvolvimento de um olhar opositor. Quando correspondia, mulheres negras individualmente nomeavam o processo de modo consciente (hooks, 2019, p. 235-236)

A partir da elaboração de um olhar opositor, se torna possível também a construção de uma atitude e de uma subjetividade revolucionária (hooks, 2019), não apenas reativa às opressões, mas que seja produtora de outras formas de saber/pensar/fazer/viver. É neste sentido que proponho, a partir do *Guardei no Armário*, que pensemos o processo de saída do armário.

ANCESTRALIDADE E COMUNIDADE: VIVÊNCIAS PARTILHADAS

As narrativas do *Guardei no Armário* são, em alguma medida, partilhadas. Para Jacques Rancière, “*Partilha* significa duas coisas: a participação em um conjunto comum e, inversamente, a separação, a distribuição dos quinhões” (Rancière, 2009, p. 7, grifo do autor)⁵. A partilha do sensível envolve expectativas e lugares fixos atribuídos, mas também a reorganização de trajetos e práticas de aparição e enunciação, “faz ver quem pode tomar parte no comum em função daquilo que faz, do tempo e do espaço em que essa atividade se exerce” (Rancière, 2009, p. 16). Desse modo, “o sensível pode ser percebido em momentos de desarranjo da funcionalidade dos gestos e dos ritmos

⁵ Texto publicado originalmente na obra *Políticas da Escrita* (RANCIÈRE, 1995b) e reproduzido na “Nota da Tradução” da obra referenciada.

adaptados aos ciclos naturais da produção, da reprodução e da submissão” (Marques; Azevedo, 2016, p. 81).

Cada um – entrevistador e entrevistado, mas também outras pessoas que tenham contato com os vídeos ou o livro – empreende uma prática de subjetivação (Rago, 2013), através da saída do armário, que é própria, mas ela é também coletiva e atravessada por outras. O processo de subjetivação envolve a dimensão de desidentificação diante de uma estrutura racista e cis-heteronormativa, reconfigurando a experiência (Rancière, 1996).

A expressão “lugar de fala”⁶ ainda não havia se popularizado [quando da criação do canal], mas eu compreendia que o processo de *escuta* e a *troca* de vivências que havia tido na ONG Projeto Purpurina poderiam fazer parte desse momento com o canal. (Gomes, 2020, p. 108, grifos meus).

A escuta, a troca, a partilha – especialmente em seu sentido de coletivo – e os afetos são centrais na constituição do *Guardei no Armário*. No trecho citado acima, Samuel Gomes destaca a organização Projeto Purpurina, coletivo LGBTQIA+⁷ do qual participou e que destaca como um elemento importante na sua trajetória de aceitação e saída do armário (Gomes, 2020). Do mesmo modo, o ambiente online, salas de bate-papo virtuais, blogs, redes sociais digitais e mesmo sites de conteúdo pornográfico são apontados por Samuel Gomes e por vários dos entrevistados no canal como tendo papel nessa (re)elaboração subjetiva da saída do armário. Entender que não se passa por isso – conflitos, exclusão, violência, silenciamento – sozinho é destacado como uma espécie de primeiro passo na jornada de saída do armário (Gomes, 2020). A aceitação e a saída do armário da qual tratam os sujeitos no *Guardei no Armário* parece apontar para a possibilidade de existências LGBT+ como “pessoas coletivas” (Krenak, 2019), contribuindo com o processo de descolonização do eu do qual fala Grada Kilomba (2019), em oposição à noção colonizadora, eurocêntrica e neoliberal (Rago; Pelegrini, 2019) do indivíduo. Ainda que Krenak traga como foco de suas reflexões a reconfiguração, ruptura e desestabilização das relações (ocidentais) entre seres humanos e natureza, é possível pensar a partir dele uma perspectiva circular, que recusa uma mirada linear (assim como Rancière), essencialista e individualizante, para pensar o lugar que se ocupa no mundo de modo complexo, interdependente.

⁶ Hoje bastante discutida a partir de Ribeiro (2019), além de frequentemente mal interpretada ou distorcida no debate público e nas redes sociais digitais. Para melhor compreensão ver: Ribeiro (2019)

⁷ Aqui utilizo a sigla neste formato, pois é como está identificado o Projeto Purpurina em Gomes (2020).

A subjetivação, para Rancière, inclusive remete ao coletivo, a um movimento de problematização da universalização de atores específicos em situações singulares de luta, de modo que se constitua um sujeito plural e impossível de ser reduzido às demandas de âmbito sexual, racial e de classe, por exemplo (Coêlho, 2018; Marques; Mafra; Martino, 2017). É uma subjetivação que articula jogo de enunciação, aparição na cena pública e questionamento do pressuposto da igualdade (Coêlho, 2018, p. 146).

Ailton Krenak (2019) lembra que viver e conservar as subjetividades também é um ato político fundamental no nosso tempo. Segundo o autor, existe uma ânsia por consumir subjetividades de modo que se tenta estabelecer uma “humanidade com o mesmo protocolo” e devemos ser capazes de “manter nossas poéticas sobre a existência” (Krenak, 2019, p. 15-16). Samuel Gomes faz um chamado no *Guardei no Armário*: “Vamos pertencer e nos encontrar *juntos*, sempre mais fortes” (Gomes, 2020, p. 141, grifo nosso), apontando para a ação de construção de uma *comunidade* a partir do Projeto *Guardei no Armário*, e, segundo João Silvério Trevisan (2018, p. 576, grifo do autor):

[...] só haverá comunidade de fato quando o *todo* estiver representado no *uno*, e esse *uno* estiver presente no *todo*. Trata-se da amálgama entre a *potência* (aquilo que pode ser genericamente) e o *ato* (a potência realizada e singularizada) [AGAMBEN, 2013, p. 51-54]. Se as singularidades devem ser incluídas no *todo*, a comunidade que as acolhe deve, por sua vez, representar todas as diferenças. Consequentemente, não existirá uma comunidade acabada porque a inclusão das singularidades em seu seio propõe uma permanente reaglomeração, em perfeito estado de vir a ser.

Se a comunidade estará em permanente reaglomeração, e se nos pretendemos comunidade de fato – afinal quanto se fala em “comunidade LGBTI+ – podemos, enquanto bichas, atentar e destacar possibilidades de considerar relações de *ancestralidade* entre nós e os/as que vieram antes e entre nós e a comunidade que vem. Ancestralidade é em geral pensada segundo relações genéticas/familiares, ou em relação a povos/nações, mas se um/a ancestral é aquele/a que vem antes e, como lembra Trevisan (2018), já temos um passado, há aqueles/as que vieram antes, que estiveram à frente e abriram caminhos e possibilidades de resistência e sobrevivência.

COLOCANDO A CENA EM “ORDEM”

Quero deixar claro, ainda, que não me proporei aqui a *explicar* o vídeo testemunho de Valter Rege, ou o processo de saída do armário, ou o projeto *Guardei no Armário*. Ao

contrário, como propõe Jacques Rancière (2021), buscarei dispor estes fenômenos, compor uma *mise en scène* como de possibilitar *compreender*. Desse modo, meu papel como pesquisador não é o do conhecedor que busca *explicar* tudo, mas antes buscar *compreender* algo e, para tanto, o pesquisador é convocado a empreender o trabalho de tornar-se inventor e diretor de uma outra cena (Prado, 2021). me proponho, aqui, a atender, como puder, a essa convocação que faz a proposta metodológica de investigação elaborada por Rancière (2021) em seu método da cena.

Ao contrário do que prevê a hierarquia da explicação (Prado, 2021; Rancière, 2021), o trabalho de montagem, desmontagem e direção dessas cenas não é um trabalho solo, individual. Considerando-se a não hierarquização das inteligências que orienta o método, a montagem, desmontagem, organização e disposição de cenas, pode ser configurar num processo também coletivo, dialogado entre pesquisador e pesquisados, considerados para além do binarismo opositor e hierarquizador entre eles (Collins, 2019; Prado, 2021; Rancière, 2021).

A partir desse método da cena/método da igualdade, em diálogo com a perspectiva interseccional, buscarei me pautar pelos princípios elencados por Marco Aurélio Máximo Prado (2021, p. 258-259) que orientam o método proposto por Rancière (2021): literalidade, horizontalidade, singularidade e interdisciplinaridade.

A literalidade é entendida como um[a] maneira de circulação da escrita pelo excesso, excesso de palavras que interrompem “a relação entre uma ordem do discurso e sua função social” (Rancière, 2000, p.115). A horizontalidade se manifesta no tratamento do material e das fontes empíricas, que adquirem o mesmo valor ao considerar a rede de significações que nessa poética do conhecimento não serão hierarquizadas [...]

[...] A singularidade é a forma visível que uma cena se dá e que o método busca é relacionar essa forma de aparição ao todo da partilha. E ainda, a consideração da interdisciplinaridade que, para o autor, romperia com a exatidão da relação entre as palavras e as coisas, com a saturação que as hierarquias explicativas apresentam. (Prado, 2021, p. 258-259)

É a partir de um olhar crítico (hooks, 2019), sem qualquer intenção de ser neutro ou universal, e orientado pelas formulações de Rancière (2021) pelo excesso, pela não hierarquização e pela compreensão, sem explicação, que busco organizar as cenas da investigação, de modo a possibilitar *compreender* a partir de “esforços para a construção de um método que não colonize a posição dos sujeitos políticos” (Prado, 2021, p. 259). Nas palavras de Lélia Gonzalez (1984, p. 225): “o lixo vai falar, e numa boa.”

COMO SAÍ DO ARMÁRIO? COM VALTER REGE

O vídeo se inicia pelo fim, com um abraço. Valter Rege (Valtinho) e Samuel Gomes (Samuca) se abraçam após a realização da entrevista/testemunho que será mostrada a seguir, um abraço durante o qual Samuel chora e Valter diz estar “todo arrepiado”. Ambos trocam palavras inaudíveis a nós que assistimos, em um momento de intimidade, mesmo que diante de uma câmera ligada. Assistindo ao vídeo completo é possível verificar que tal cena do abraço apenas acontece após a conversa dos dois para o vídeo, o testemunho de Valter, mas é simbólico que esta cena seja reproduzida antes do testemunho se iniciar na versão publicada no YouTube. Em preto e branco, recurso frequente em vídeos na plataforma para demarcar “cenas de bastidores”, como se não fossem para ir ao ar, reforça a intimidade do momento do abraço, da troca, de um *vínculo* (BORGES, 2020) que possibilita o relato.

Meu nome é Valter Rege, eu tenho 32 anos e eu sou de São Paulo. Eu cresci num cortiço, no bairro de Moema... quando eu mudei de lá, eu não tinha muita consciência. Eu lembro que foi bem antes da primeira série que tinha uns meninos que me xingavam de gay, de viadinho, não sei o que, e um dia me empurraram... eu bati com a boca no chão e um nervo do meu dente de leite morreu... e aí os meus dentes eles ficaram todos pretos, assim, tá ligado? E caíram, e aí, quando nasceram os permanentes [rindo] nasceu as coisas mais horríveis do mundo, assim, eu tinha dente virado quase 180 graus, eu tinha dente no céu da boca, eu tinha duas presas aqui [indica um ponto na boca quase à altura do nariz]. Então foi... pra mim, a infância e adolescência foi muito complicado com esse negócio de aceitar a própria a sexualidade, sabe? Até os 12 anos mais ou menos, 12, 13, não sei, não lembro, o período da quinta-série, eu era um pouco introspectivo, eu não fazia muita amizade, ficava em casa assistindo televisão, tipo, a minha maior diversão assim era ficar em casa assistindo televisão, acho que até por isso que eu gosto tanto de cinema. (Rege; Gomes, 2016)

Uma das origens do *Guardi no Armário* é a experiência de Samuel em um grupo de apoio voltado a pessoas LGBTI+ dentro do coletivo paulistano Projeto Purpurina (Gomes, 2020) e é visível na forma como Valter inicia se apresentando a semelhança com uma reunião de um desses grupos. Ele também começa seu testemunho sobre como *saiu* do armário indicando, de alguma maneira, como *entrou* no armário, ou, na verdade, como foi empurrado para dentro dele.

Os xingamentos e a agressão física, de origem homofóbica, marcam a vida de Valter como marcam a da maioria de nós, bichas, cujas vidas “[...] são marcadas por um terrorismo contínuo. Há um heteroterrorismo a cada enunciado que incentiva ou inibe comportamentos, a cada insulto ou piada homofóbica” (BENTO, 2011, p. 552). No caso

de Valter, sendo um gay preto, bicha preta, essa violência tende a se manifestar de forma mais direta e física do que em relação a bichas brancas, devido à intersecção deste heteroterrorismo (Bento, 2011) com o racismo antinegro estrutural da sociedade colonial brasileira (Carneiro, 2011; Gonzalez, 1984).

Valter também indica que não compreendia ou aceitava sua sexualidade, sendo necessário um processo de elaboração de uma consciência sobre si. Entretanto, ele já estava consciente da violência heteroterrorista que incide sobre seu corpo (BENTO, 2011). Foi preciso um processo consciente e individual de saída do armário como elaboração de uma perspectiva crítica (hooks, 2019) de sua própria subjetividade e identidade, contrariando estereótipos tanto da heterossexualidade como única possibilidade quanto uma série de imagens negativas e pejorativas de corpos/subjetividades bichas (Lucas Lima, 2017). Há a elaboração de um ponto de vista autodefinido, em oposição a imagens de controle (Bueno, 2020; Collins, 2019).

Em seu testemunho Valter também fala sobre sua identificação enquanto negro, que acompanhou a saída do armário. Ouvimos ele dizer que, morando no cortiço em Moema, bairro de classe média alta de São Paulo, apesar de ser “um dos mais pretinhos que tinha lá”, tinha “cabeça de classe de média”, apesar de não interagir diretamente com pessoas de classe média, assim como “tinha medo de negros” (Rege; Gomes, 2016), falando sobre sua própria visão de mundo colonizada pela hegemonia supremacista branca (hooks, 2019).

Após mudar-se para Vila Clara, na periferia, ele relata as dificuldades de adaptação e de se reconhecer como semelhante aos outros habitantes da região, da favela, em sua maioria pessoas negras (Carneiro, 2011; Gonzalez, 1984). É a partir de suas primeiras experimentações com o audiovisual, com uma câmera, que Valter passa a estabelecer vínculos (Borges, 2020) com as pessoas próximas, na periferia, e com sua própria identidade negra.

Comecei a me adaptar de 15 pra 16 anos que foi quando eu comprei a minha primeira câmera e aí eu comecei a interagir com a galera por causa do cinema. E aí eu comecei a ver que eu me encaixava ali, que eu parecia com aquelas pessoas. Eu comecei a ver que as pessoas não me olhavam de forma diferente como as pessoas no bairro nobre me olhavam. Só que tinha aquela coisa do... eu me enxergava como preto, mas como gay ainda era um problema, porque era começo dos anos 2000, então tinha muito problema com sexualidade. Na Vila Clara era muito difícil, porque eu andava com a galera que eram gays, mas tinha a galera... as femininas que na época era aquela loucura de leque: VRÁ [faz o gesto de abrir um leque com a mão, diz algo inaudível] VRÁ VRÁ VRÁ. Eu lembro uma vez que teve uma festa, eu já morava na favela, na Vila

Clara, já via meus amigos aí desceu aquela galera toda de leque, vrá, escova no cabelo, vrá [simula o leque e a escova] causando. Meu pai e minha mãe se assustaram.

Meu pai e minha mãe começaram a ficar muito assustados e a favela começou a ficar assustada, porque a minha rua começou a ficar com muitos gays... e eu lembro que eu passava em uma esquina lá e ali a galera tacava pau, tacava pedra, não sei o que... e eu cheguei uma dia e eu falei: “mano, gente, de boa, o que que eu fiz pra vocês? Eu passo aqui, cês taca pau, pedra, pô, isso magoa. Tipo, mago pra caralho, tá ligado? [sic] Se eu passar com minha mãe e com meu pai aqui, eles vão ficar muito mal. O que que acontece?”. E eu lembro que nesse dia eu sentei com os moleque [sic] e a gente começou a conversar, sabe? Eu comecei a explicar meu ponto de vista, eles o deles e foi muito legal, porque no final, tipo, tava todo mundo bebendo, comendo...

Hoje, pra mim, lá na Vila Clara, e eu acho que em qualquer periferia, assim, os gays eles são muito mais bem aceitos do que eram antigamente, entendeu? Então eu acho que é uma questão de História (Rege; Gomes, 2016).

Ao longo do vídeo, mais de uma vez, Valter coloca sua idade, ter vivido sua adolescência durante a década de 1990 e início da de 2000, como algo relevante. Ele se coloca, de certa forma, como *ancestral* para pessoas mais jovens que venham a assistir o vídeo, identifica avanços históricos na luta LGBTI+, incentiva essa nova comunidade, a *comunidade que vem* (Trevisan, 2018), a continuar. Essa perspectiva aparece também no livro *Guardei no Armário* (Gomes, 2020, p. 140-141):

Esse livro pode ser lido como uma história pessoal, a história de como um homem se tornou quem é. Mas hoje acredito que essa narrativa não é apenas minha, mas de muitos outros que passaram e passam pelas mesmas coisas que eu. Os assuntos de que tratei nas últimas páginas, os desafios do mercado de trabalho, a busca por um amor verdadeiro, o entendimento meu e da minha família da nossa cor, o racismo estrutural que enfrentei e enfrento perpassam os últimos anos da minha vida e fizeram de mim quem hoje sou.

[...] Porque só nós sabemos tudo o que guardamos no armário por tantos anos, com medo de sermos rejeitados de tantas maneiras diferentes. E ajudar a colocar essas narrativas para fora dele é um grande privilégio para mim. Principalmente se isso fizer a diferença na vida de algum leitor.

Ainda que seja possível compreender que as adolescências de Valter e Samuel não foram “há tanto tempo assim”, é necessário apontar que as décadas de 1990 e 2000 foram especialmente marcantes, em lutas e avanços para a comunidade LGBTI+, bem como em transformações midiáticas, como o surgimento e popularização da própria internet. Quando Valter e Samuel eram adolescentes, a sigla GLS ainda era amplamente utilizada, por exemplo. Desde então, a sociabilidade LGBTI+ mudou muito, inclusive em função das mudanças midiáticas da sociedade, como a existência de redes sociais digitais, aplicativos de pegação e de mensagens instantâneas, até dos próprios smartphones.

Pessoas da faixa etária de Valter e Samuel viveram essas mudanças. Ainda que a ancestralidade reivindicada aqui seja relativamente recente, ela é válida.

A respeito do entendimento mais corriqueiro em relação à saída do armário, como uma espécie de anúncio público sobre ser LGBTI+ – que faz, em geral, parte do processo, mas que não o encerra (Pereira; Coêlho, 2021) – Valter destaca sempre ter sido “afeminado”, a ponto de perguntarem a sua mãe se ele era “menino ou menina” quando mais novo, mas que seus pais associavam seu jeito a uma relação com a arte, não com sexualidade, fato do qual Valter diz ter se utilizado para ir “introduzindo aos poucos” o tema sexualidade (não heterossexual) junto a seus pais (Rege; Gomes, 2015).

Eu nunca senti a necessidade de chegar e falar pros meus pais. Desde muito novo eu já tinha uma cabeça assim: se eu, um dia, me apaixonar, amar alguém, levar essa pessoa pra minha casa que é o meu templo, beleza, eu falava pros meus pais, mas, enquanto isso, de boa, acho que não é da conta deles.

Eu acho que eu tinha uns 24 anos, mais ou menos, tava na faculdade, eu fiz... eu tinha um blog... na verdade eu tinha um roteiro, e aí, desse roteiro, eu fiz um curta-metragem – que eu sou formado em Rádio e TV – fiz um curta-metragem sobre sexualidade... na faculdade. E aí, eu sempre gostava de exibir esses filmes e eu sempre convidei os meus pais, convidava meus pais pra ir assistir. Falei [para amigos]: “gente, meus pais não sabem, vamo privar um pouco eles, entendeu, porque... é foda, depois eles vão ver essa presepada aqui e vão ficar meio incomodados”. Aí, beleza... a gente exibiu o filme, foi um sucesso, foi maravilhoso, baseado no livro “Sempre amigos”, que eu escrevi, na época era “Três quartos de amor” o nome, nem lembro por quê... e a gente exibiu, foi muito legal, fiquei muito emocionado, muito emocionado [ênfatisando], porque foi muito amigo meu, e foi mais amigo hetero do que amigo gay, pra vocês terem noção. Fiquei emocionado, aí fui lá na frente agradecer o público, falei: “gente, muito obrigado, nossa tem um monte de amigo aqui hétero, assistindo a um filme com temática gay, de um diretor gay”... aí ficou: gay gay gay gay [o plano se fecha, em cortes secos, a cada “gay”, focando o rosto de Valter e se abre novamente após o último], e eu continuei no gay gay gay gay... meu pai e minha mãe tava [sic] na plateia! [risos]... e tipo, todo mundo olhando pra cara deles e eu mó animado, empolgado, nem aí né... e aí depois, quando acabou tudo, não sei o que, fui cumprimentar meu pai e minha mãe, eles tavam em choque, porque era a primeira vez que tinham ouvido, né, da minha boca, que eu era gay [ênfatisando a palavra]... contei em público, pra todo mundo... todo mundo já sabia, né, mas meus pais ficaram sabendo naquela época... e aí a gente foi pra um bar comemorar e eu fiquei incomodado pra caramba falei: “puta, mano, eu não acredito que eu falei desse jeito pra eles, meu deus do céu, e agora?”.

Aí, fiquei uns dois dias, mais ou menos, sem ver o meu pai... a minha mãe quando eu cheguei, foi muito lindo, eu abri a porta, assim, e aí quando eu entrei, ela tava me esperando na sala, e ela me deu um abraço de falou assim: “olha, [a imagem fica toda preta e surgem letras brancas com as próximas palavras] eu amo você do jeitinho que você é”... ai gente, fico todo arrepiado até... aí eu fui dormir, isso era uma quinta [feira], sexta [feira], não sei... aí no domingo teve uma festa da minha irmã, na casa da minha irmã, e meu pai tava na festa... meu pai me chamou pra cozinha... ele sentou, chegou e falou: “olha, eu te amo, demais, se eu pudesse, eu realizaria todos os seus sonhos [...] eu daria minha vida por você, então pode ficar despreocupado, eu te amo”. Foi demais, gente, foi lindo.

E foi assim que eu contei pros meus pais, de uma forma leve, despreziosa, eu acho que foi até melhor do que aquele peso de sentar todo mundo à mesa, de ter aquelas confusões que a gente geralmente vê. (Rege; Gomes, 2016).

Esperar a “hora certa” para contar aos pais⁸, um momento de sair do armário como anúncio, é frequente entre a maioria das bichas. Ainda que “não seja da conta” dos pais, é um momento de tensão e ruptura com uma expectativa dada, a suposição onipresente da heterossexualidade. Nessa ruptura, não é raro que esses sujeitos sejam expulsos de casa ou violentados de outras formas, um risco e um medo frequente em nossas trajetórias.

Apesar da relatada leveza e da boa reação e compreensão de seus pais, também é visível sua preocupação inicial, logo após o anúncio, em relação à possível reação dos pais, tanto ao anúncio do filho quanto à forma como foi feito, sem antecipação, em público, de forma improvisada. A emoção de Valter ao contar sobre a aceitação de seus pais, a forma como reagiram, mostra como esse tipo de relação com os pais é raro entre nós, bichas. Há uma quebra de expectativas, uma fissura (Rancière, 2009), um lampejo (Didi-Huberman, 2011).

Também o vínculo (Borges, 2020) entre Valter e Samuel ultrapassa o momento da entrevista. Como já citado, ambos são amigos e compartilham de uma intimidade. Mais ao final do vídeo, fica clara a afetação vinda, também, desse vínculo, uma troca que teve papel importante na vivência e trajetória de Samuel, embora não seja ele em evidência, por assim dizer, no vídeo em questão. Na conclusão do vídeo, Samuel aparece diante da câmera, ao lado de Valter, o apresenta como seu “anjo da guarda” e melhor amigo e nos diz, a quem assiste: “vocês precisavam conhecer a gente, a *nossa* história” (Rege; Gomes, 2016, grifo meu). Embora suas histórias de saída do armário, seus processos, sejam singulares, fica demonstrado o compartilhamento, a coletividade, também como parte desse processo. Em seu livro, Samuel fala sobre “pertencer e nos encontrar juntos, sempre mais fortes” (Gomes, 2020, p. 141).

Eu quero falar também [Valter falando] sobre o meu amigo maravilhoso, que a gente se conheceu através da internet, do meu blog. Eu conheci um Samuca que era muito introspectivo, um Samuca que não tinha autoestima, que começou a procurar a própria essência, o que foi maravilhoso, vocês não têm

⁸ Compreendo que o uso da palavra “pais” como sinônimo de “pai e mãe” como utilizado aqui carrega uma série de problemas, no entanto, outras terminologias possíveis como “família”, “genitores” ou mesmo “pai e mãe” também não estão isentas de problemas e limitações, sendo pautadas em parentesco genético e numa lógica heterossexista de “família”. Assim, optei por manter o uso do termo “pais”, significando “pai e mãe” por ser a forma utilizada por Valter Rege em sua própria fala.

noção... o quanto esse menino trabalhou, o quanto esse menino cresceu, o quanto esse menino estudou pra conhecer a própria história [...] [Samuel assume a palavra] Gente, eu devo muito ao Valtinho, porque... é aquilo que eu falo, né, às vezes é na internet que a gente encontra as primeiras pessoas pra gente poder falar sobre a nossa sexualidade, sobre o que a gente passa, porque muitas vezes dentro da própria casa a gente não encontra [Valter diz: “exatamente”]... eu encontrei o Valtinho, peguei ele pra minha vida e não largo mais (Rege; Gomes, 2016).

Para além do que poderia ser visto apenas como busca de engajamento nos comentários do vídeo, Samuel propõe um *Guardei no Armário* também como um espaço que possa oferecer a outras pessoas o que ele relata ter encontrado na internet, muito marcadamente em um blog de Valter: escuta, compreensão e conversas *de bicha para bicha*. Claro, a plataforma do YouTube não é de fato um espaço *seguro*, mas a proposta de Samuel evoca justamente a potência dos *espaços seguros* para a autodefinição (Collins, 2019), da compreensão mútua entre sujeitos que vivenciem, em certo nível, as mesmas coisas, que se entendam entre si de forma que nenhum Outro/a entenderia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O abraço entre os dois, que iniciou e encerra o vídeo, bem como as lágrimas de Samuel, ilustram essa vida partilhada. Se colocando em cena, na internet, nesse ambiente que mescla limitações – como a circulação de discursos de ódio, supremacistas, e ataques diretos a sujeitos subalternizados (Spivak, 2014) – e potências de encontros como os que Samuel e Valter tiveram e como o *Guardei no Armário* talvez possa oferecer à comunidade que vem (Trevisan, 2018).

Através da dança renitente dos vaga-lumes purpurinados, diremos sim no meio da noite atravessada pela execração que os senhores do poder emitem para nos ofuscar. Assim, a opressão que tenta sufocar nosso desejo, ela mesma será o motor da nossa luz e da nossa dança de vaga-lumes na noite. Quanto mais escuridão dos opressores, maior será a luz emitida pela purpurina dos oprimidos (Trevisan, 2018, p. 578).

A escuridão é uma metáfora mais frequente para situações de opressão – tempos sombrios, por exemplo – mas, a partir de Didi-Huberman, em diálogo com perspectivas interseccionais (Bueno, 2020; Collins, 2019; hooks, 2019), sistemas de dominação mais sofisticados são capazes de sufocar os lampejos dos vaga-lumes não só a partir do silenciamento total, mas também da elevação de apenas pouquíssimas vozes, extremamente selecionadas, superexpostas, com a luz focada e opressiva dos projetores.

As reflexões de Didi-Huberman (2011) a respeito dessas imagens de protesto e de resistência, que sobrevivem apesar de sua fragilidade, de sua existência no limiar do desaparecimento, as imagens vaga-lumes, demonstram que há nelas a capacidade de organizar pessimismos – narrar sobre opressões vividas, por exemplo. Organização dos pessimismos é apontada por Didi-Huberman como fundamental para produção de esperança e transformação da realidade, e buscar transformar a realidade é fundamental ao *ethos* de justiça social da interseccionalidade (Collins, 2017). Essas narrativas vaga-lumes compartilhadas no *Guardei no Armário* teriam então a capacidade de, ao serem escutadas, suscitarem outras, a partir dos vínculos, de afetos, em re(ex)istência. Os corpos e as narrativas podem ser vistos enquanto políticos, com capacidade de ação política.

Ancestralidade é algo complexo para as pessoas LGBTI+, devido à frequente violência enfrentada dentro do lar da infância, com os/as cuidadores/as e o distanciamento dessas relações. Ao mesmo tempo é possível pensar um sentido de comunidade (Trevisan, 2018) que considere uma ancestralidade que ultrapasse laços sanguíneos e mesmo questões geracionais etárias. Quando Samuel e Valter e todas as outras pessoas que constituem o Projeto *Guardei no Armário* compartilham seus testemunhos, seus processos de saída do armário, *falam com* outras pessoas que estejam tendo dificuldades com o processo de saída do armário, de certa forma é possível pensar nesses sujeitos como ancestrais, em alguma medida, de uma comunidade que vem.

REFERÊNCIAS

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Revista Estudos Feministas**, v. 19, p. 549-559, 2011.

BORGES, Rosane. Traduções - Ep. 9: Rosane Borges. [S. l., s. n.], 4 ago. 2020. 1 vídeo (1h 13min 55s). Publicado pelo canal Jornalismo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vUTsB6cVZWQ>. Acesso em: 2 out. 2024.

BUENO, Winnie. **Imagens de controle**: um conceito de Patricia Hill Collins. Porto Alegre: Zouk, 2020.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. Selo Negro, 2011.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.

COLLINS, Patricia Hill. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. **Parágrafo Dossiê Comunicação e Desigualdades/ Revista Científica de Comunicação Social da FIAM-FAAM**, vol. 5, n. 1 jan./jun. 2017. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/559/506>. Acesso em: 9 dez. 2021.

COELHO, Tamires Ferreira. **Sertanejas conectadas: autonomia e escrita de si de mulheres do Sertão do Piauí no Facebook**. 2018. Tese (Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2018.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

GAYNOR, Gloria. **I will survive**. In: Love Tracks, 1978. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6dYWe1c3OyU>. Acesso: 2 out. 2024.

GOMES, Samuel. **Guardei no armário: trajetórias, vivências e a luta por respeito à diversidade racial, social, sexual e de gênero**. São Paulo: Paralela, 2020.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje** – Anuário de Antropologia, Política e Sociologia. 1984. Disponível em: [https://disciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20Lélia%20-%20Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira%20%281%29.pdf](https://disciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20Lélia%20-%20Racismo%20e%20Sexismo%20na%20Cultura%20Brasileira%20%281%29.pdf). Acesso em: 2 out. 2024.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

hooks, bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LUCAS LIMA, Carlos Henrique. **Linguagens Pajubeyras: Re(ex)istência cultural e subversão da heteronormatividade**. Salvador. Editora Devires, 2017.

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro; AZEVEDO, Agatha Souza. O potencial comunicativo do rosto: uma relação entre arte e política na fotografia. **Revista Comunicação Midiática**, v. 10, n. 2, p. p. 76-91, 2016. Disponível em: <https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/144>. Acesso em: 2 out. 2024.

MARQUES, Ângela.; MAFRA, Rennan; MARTINO, Luis Mauro Sá. Um outro olhar sobre a comunicação pública: a constituição discursiva de sujeitos políticos no âmbito das organizações. **Revista dispositiva**, v. 6, n. 9, p. 76-92, 2017. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/dispositiva/article/view/P.2237-9967.2017v6n9p76>. Acesso em: 2 out. 2024.

PEREIRA, Pedro Augusto; COELHO, Tamires Ferreira. A escrita sobre saída do armário no YouTube: reflexões entre estética e política. In: 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom 2021, Recife. São Paulo, Intercom 2021. Anais... 2021. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt7-ep/pedro-augusto-pereira.pdf>. Acesso em: 2 out. 2024.

PRADO, Marco Aurélio Máximo. A política como método ou o fim da máquina explicativa do mundo. In: RANCIÈRE, Jacques. **O método da cena**. Belo Horizonte: Quixote Do, 2021. p. 239- 261.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2013.

RAGO, Margareth; PELEGRINI, Maurício. (Orgs.). **Neoliberalismo, feminismos e contracondutas**: perspectivas foucaultinas. São Paulo: Intermeios, 2019.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. São Paulo: EXO experimental org.; Editora 34, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento**: política e filosofia. São Paulo: Ed. 34, 1996.

RANCIÈRE, Jaques. **O método da cena**. Belo Horizonte :Quixote Do, 2021.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro. Pólen, 2019.

REGE, Valter ; GOMES, Samuel. Como saí do armário? Com Valter Rege - Ep19 - Ter energia positiva - 1ª temporada - #youtubenegro. [S. l.; s. n.], 27 nov. 2016. 1 vídeo (13min 56s). Publicado pelo canal Guardei no Armário. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=G5dTfVdj_1w. Acesso em: 2 out. 2024.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?**. Editora UFMG, 2014.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.